
COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

**A IMPORTÂNCIA DA
CASA ESPÍRITA
NA EDUCAÇÃO DA HUMANIDADE**

MANUELA VASCONCELOS

INTRÓITO

Em 1926, a seguir à criação da FEDERAÇÃO ESPIRITA PORTUGUESA, A Federação fez uma proposta ao ‘Centro Espírita Luz e Amor’, de Lisboa, para que este encerrasse as suas portas e passassem para a Federação todos os sócios daquele Centro Espírita, para que a F.E.P. não tivesse dificuldades materiais e de gerência, logo no início das suas actividades.

A Direcção do Centro reuniu-se em Assembleia Geral, concordou com a proposta que lhe foi apresentada, encerrou as suas portas e passaram para a Federação então criada, em 1926, 450 sócios, que não eram analfabetos, como muitas pessoas fora do meio espírita pensam quando ouvem falar de Espiritismo. Julgam-nos como atrasados mentais, chamam-nos ‘pobres de espírito’ – não aqueles que Jesus referiu, mas os outros, os imbecis, e como tal é que consideram os espíritas.

E, entretanto, entre esses 450 sócios havia médicos, advogados, juízes, conselheiros, pessoas da Armada, da Marinha, jornalistas e outras pessoas mais simples com as suas funções civis, todas elas unidas no mesmo Ideal.

Em 1953, quando o Governo resolveu encerrar a Federação e com a Federação todos os Centros Espíritas existentes, nós não dizemos que foi o descalabro mas foi uma nuvem muito negra muito intensa que se abateu sobre o Movimento Espírita Português, porque foi proibida a continuidade das tarefas nos Centros Espíritas mas não foi proibido o mediunismo que, logo após, começou a lavrar nas esquinas de cada rua – claro que metaforicamente falando – e foi a partir daí, pensamos nós, que começou, realmente, a misturar-se o espiritismo com bruxaria.

O 25 de Abril trouxe-nos a possibilidade de podermos concretizar a ideia de que todo o individuo tem o direito de vivenciar a religião que professe e à sua fé e, mediante este reconhecimento da parte do Governo Português e que faz parte da nossa Constituição, os Centros começaram a abrir – alguns com muita dificuldade porque havia falta de onhecimento; poucos tinham continuado a dedicar-se ao estudo, mesmo com as portas fechadas, digamos assim, mas houve a possibilidade, então, de todos estudarmos, adquirirmos Conhecimento, livros, de levar sempre mais longe, enfim!, aquele Ideal que nos foi unindo uns aos outros e que faz com

que hoje já sejamos perto de 70 Centros Espíritas federados, espalhados por todo o País português.

Isto acalenta-nos muito o coração e faz-nos sentir que, apesar de todas as lutas que continuamos a travar para mostrarmos que, realmente, somos pessoas sérias, que não andamos a vender ‘a banha da cobra’ – passe a expressão -, apesar de tudo isso, quando nós um dia, por dificuldades próprias da deficiência física, fecharmos os olhos ou tivermos de ser afastados das nossas tarefas, acalenta-nos o coração, repetimos, o reconhecermos que já temos continuadores: esses jovens de ontem, alguns hoje já dirigentes de outras tantas Casas Espíritas, que se vão empenhando sempre mais e mais nas tarefas, no conhecimento, na dedicação que vão dando aos Centros onde se encontram inseridos.

Então, a importância do Centro Espírita começa aí, na maneira como nós vamos educando a juventude, afastando-a das tentações do caminho ...

... E porque todos nós, de um modo geral, apreciamos poesia, vamos começar, então, a nossa pequena exposição com um soneto de Pedro Franco Barbosa, dedicado, precisamente, ao ...

TEU CENTRO ESPIRITA

Seja teu Centro uma choupana, apenas,
Seja o edifício mais acolhedor,
Podes fazer dele, entre centenas,
A verdadeira Casa do Senhor.

Envolve-o sempre em vibrações serenas
E pensa nele com respeito e amor.
Sem que te oferte soluções terrenas
Pode ser bom refúgio em tua dor.

Seja o teu Centro uma oficina activa,
Núcleo actuante da doutrina viva,
Que dignificarás com teus exemplos.

E notarás, alegremente, um dia
Que o teu Centro, magnífico, irradia,
A magestade dos sagrados Templos.

*

Divaldo Pereira Franco, o orador, médium espírita brasileiro, que os portugueses se habituaram a ver e escutar, numa palestra que fez para o Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira em 11 de Maio de 2007, e que lemos na Revista ‘Reformador’, daquela Instituição, referindo o Centro Espírita diz, a determinado momento da sua oratória:

“ (...) O Espiritismo, sem dúvida, vem restaurar a (essa) necessidade do amor, e onde poderemos vivenciar esse amor? Em todo o lugar, certamente; na vida íntima, no santo domicílio do trabalho e na Casa Espírita... Essa célula primeira do Espiritismo, que é o Centro Espírita, porque foi a preocupação de Allan Kardec criar a instituição onde os espíritas pudéssemos vivenciar a proposta da mensagem.

“ O Centro Espírita é a célula mater do Movimento Espírita na Terra. Sem ele, não podemos falar em termos de Movimento. É a casa de Jesus de braços abertos, esperando os trânsfugas, os abatidos, os infelizes, os desorientados, que têm necessidade imensa de uma palavra de carinho, de um gesto de ternura, da convivência com o amor.”

Mas, muito antes de Divaldo, outros espíritas de nome bem destacado no Movimento, pela maneira como se entregaram à Causa, falaram e escreveram sobre este tema tão aliciante que é o do Centro Espírita.

José Herculano Pires, (no dizer de Francisco Cândido Xavier, ***“O metro que melhor mediu Kardec”***), no final do seu livro ***“O CENTRO ESPÍRITA”***, afirma:

“Os que deturpam a finalidade superior do Centro Espírita, sejam dirigentes ou frequentadores só interessados em vantagens imediatas, perdem a oportunidade de se elevarem a uma visão superior do mundo, do homem e da vida. Se cada frequentador do Centro quiser ajudá-lo na sua missão superior de preparar os homens para um mundo melhor, a dinâmica do Centro se intensificará para o bem de todos.”

Estas palavras ajudam-nos a pensar que, afinal, um Centro ou Casa Espírita, será mais que um local onde os ‘bruxos’ – no sentido perjurativo com que alguns o apontam – se reúnem para participar de assuntos transcendentais.

Considerando que a Doutrina dos Espíritos, ou o Espiritismo, mais não é que a Terceira Revelação, ou o Consolador anunciado por Jesus, recuamos até à Sua época e encontramos a “Casa do Caminho”, onde os

apóstolos, depois da Sua partida, se reuniam para falarem dos ensinamentos do Mestre, que transmitiam aos seus seguidores, e onde socorriam uns e outros – todo aquele povo desvalido e necessitado que os procurava na ânsia de receberem não só o auxílio material – por vezes o mais dispensado – mas, principalmente, o auxílio moral, transformado num gesto de carinho, num conselho amigo, num tecto ou se podiam abrigar, no conforto de receberem, ali, nas palavras de quem os atendesse, a esperança de um amanhã melhor, libertos da injustiça e da perseguição que grassava então.

A CASA ESPIRITA, de portas sempre abertas para atender a quem nela queira penetrar, sem que os seus dirigentes façam qualquer selecção entre todos os que nela penetrem, é a actual CASA DO CAMINHO, transportada de há 2000 anos para o HOJE, nela se repetindo, como se todos tivéssemos estado presentes então, os gestos dos apóstolos que recebiam em nome do Divino Amigo.

Nela, o peregrino de ontem, como o necessitado de hoje, ali encontra o acolhimento fraterno, que se transforma, com o decorrer dos tempos, no ensinamento moral e amigo onde uns e outros poderão, não só, renovar atitudes erradas, como prepararem-se melhor nas suas escolas que existem na base dos ensinamentos evangélicos, aconselhamento, amor, e socorro material.

Allan Kardec, o professor francês que há 150 anos codificou a Doutrina dos Espíritos, esclarece a respeito:

“Uma sociedade não é verdadeiramente séria se não se ocupar de assuntos úteis, com exclusão de todos os outros”...”A instrução espírita não compreende somente o ensino moral dado pelos Espíritos, mas também o estudo dos factos”...”O primeiro dever que a doutrina impõe é o da caridade e da benevolência”...”Desejo uníssono de se instruir e de melhorar pelo ensinamento dos Espíritos bons e aproveitamento de seus conselhos. Quem estiver convencido de que os Espíritos superiores se manifestam com o fim de nos fazer progredir e não para nos agradar, compreenderá que eles devem afastar-se dos que se limitam a admirar o seu estilo sem tirar nenhum fruto das suas palavras ...”.

Concluimos, assim, das palavras de Kardec, que, numa Casa Espírita, está presente o ensinamento dos Espíritos – esses seres que nos acompanham no mundo invisível que nos rodeia, ou se chegam até nós, caritativamente, transmitindo-nos as suas experiências que transformam em lições que nos doam para o que deve e não deve fazer-se. Tal facto não deve admirar-nos porquanto todos nós sabemos ser Espírito, ora vivendo

num corpo matéria que mais tarde ou mais cedo deixaremos, para regressar à pátria que, queira-se ou não – em função da fé que nos orienta -, é a de todos nós.

Uma Associação Espírita – conforme Kardec lhe chamou – não o é se, dentro das suas paredes, o necessitado, que a procure, não encontrar o calor do amor fraternal, seja na palavra amiga de quem conforta, no ombro fraterno de quem escuta e acalenta, no olhar ternurento de quem olha buscando o necessário para se poder acalentar quem ali penetrou procurando – talvez – nem saiba bem o quê, mas esperando sempre dali sair mais confortado e esperançoso!

“Se eu falar a língua dos homens e dos anjos, e não tiver caridade – escreveu Paulo de Tarso – sou como o bronze que soa ou o símbolo que retine...”

E porque – dizem – a palavra ‘caridade’ só foi inventada no século III e, até lá, a única conhecida era a palavra ‘amor’, temos que a verdadeira caridade é sempre Amor – amor sincero e não disfarçado no óbulo que se procura receber em troca, porque no Centro Espírita tudo é feito e dado desinteressadamente!

*

Mas, para compreendermos, talvez, melhor, o significado da Casa espírita, recuemos um pouco até àquele tempo que marca a nossa opção religiosa, no caminho que hoje seguimos: como éramos, então? Que ideias nos animavam? Como reagíamos às críticas de terceiros, como agíamos no nosso dia a dia?

Com certeza que sem nos reconhecermos perigosos, e muito menos criminosos, teremos que ser sinceros, mesmo assim, e afirmarmos: nós eramos quezilentos; usávamos a crítica mordaz para atacarmos uns e outros; sentiamo-nos felizes com a infelicidade do nosso próximo... e das poucas coisas que nós queríamos, era sermos melhores que qualquer outro – embora essa melhoria tivesse que ser marcada por cifrões (ou euros) e não por amor e fraternidade.

E esta conclusão recorda-nos umas palavras da autoria de Rodolfo Coelho Cavalcante, que Isidoro Duarte Santos publicou na sua revista ‘Estudos Psíquicos’, em Setembro de 1955:

Escreveu Rodolfo Cavalcante:

Um Centro Espírita – é luz para os cegos; é paz para os aflitos; é bússola para os perdidos; é porto para os cansados; é bálsamo para os feridos; é remédio para os doentes; é bênção para os bons; é graça para os maus; é tempo para os preguiçosos; é âncora para os naufragos; é Deus para os ateus; é perdão para os criminosos; é fé para os fracos; é esperança para os justos; é caridade para todos; é amor para os órfãos; é amparo para as viúvas; é Cristo para a humanidade!

Com a Doutrina, transmitida no Centro Espírita e os ensinamentos apreendidos nos livros que fomos lendo, concluimos muitas coisas – todas elas diferentes das assimiladas até então, mas dando-nos a perceber uma realidade incontestável mas, igualmente, racional, inclusive sobre a importância destas Casas na sociedade porque, apesar de todo o reconhecimento – como o das palavras de Rodolfo Cavalcante – elas representam muito do bom, do educativo e preparatório para a boa e sã moral do homem. Concluimos, então, após todo o aprendizado da Doutrina dos Espíritos que:

- Somos os senhores do nosso destino: aquilo que fizemos de mal a terceiros, prejudicará a uns e a outros, mas prejudicar-nos-à, primeira e principalmente, a nós próprios, porque existe uma lei divina, de Acção e Reacção, que nos diz que como fizemos, assim acharemos.

- De cada vez que deixarmos de perdoar alguma coisa que façam contra nós, estamos a abrir um precedente que fará com que Deus não nos perdoe também, porquanto, conforme Jesus nos ensinou nas palavras da oração que nos deu, para quando quiséssemos falar com o Pai, Este perdoar-nos-à da mesma maneira que nós perdoarmos! Então, o perdão é sempre necessário se nós quisermos merece-lo também!

- Por outro lado, ainda, se queremos ser felizes, Amanhã, nada mais temos que fazer a não ser preocupar-nos HOJE com o nosso agir, dadas as consequências erradas dos nossos actos a transportarem-se (ou transferirem-se) para uma próxima vivência. Assim sendo, a nossa felicidade depende **unicamente** de nós próprios: não é Deus que é Pai para uns e padrasto para outros pois, tal como o Divino Amigo nos ensinou, *Ele ama-nos de tal maneira que faz que o sol nasça sobre bons e maus e que a chuva caia sobre justos e injustos!* Temos então, e unicamente, de reclamar de nós próprios, do nosso comportamento, o não conseguirmos ser felizes ainda ou, pelo menos, não conseguirmos ser mais felizes hoje do que o fomos ontem!

Com estes pequenos ensinamentos, vamo-nos apercebendo que, no Centro Espírita, com a transmissão dos mesmos, processa-se a educação moral do Homem – e porque o ‘Consolador Prometido’ veio para a transformação do Homem Velho no novo, diferente nos seus conceitos e maneira de agir, conforme concluímos do aprofundamento dos conhecimentos que a Casa, através dos seus colaboradores, nos transmite, conseguimos aperceber-nos melhor do significado das palavras de Jesus quando afirmou: “Vós sois deuses... tudo aquilo que Eu faço, vós fareis também e muito mais... vós sois o sal da Terra e a luz do mundo...”... e Emmanuel, no livro mediúnico ‘FONTE VIVA’, psicografado por Francisco Cândido Xavier, conclui no capítulo 105: “*e a luz não argumenta, mas sim esclarece e socorre, ajuda e ilumina.*”

E, ainda Emmanuel, no capítulo 113 do livro CAMINHO, VERDADE E VIDA, também com Chico Xavier, comenta:

(...) Muitos homens estão mortos, soterrados nos sepulcros da indiferença, do egoísmo, da negação. Quando um companheiro, como Lázaro, tem a felicidade de ser tocado pelo Cristo, eis que se estabelece a curiosidade geral em torno de suas atitudes. Todos desejam conhecer-lhe as modificações...”

Palavras cuja simbologia não se descerrava para nós, antes... Palavras que nos incentivam a procurar sermos melhores hoje do que o fomos ontem! Como fazê-lo?

Aprendendo na Casa Espírita, que, baseada nos ensinamentos do Paracleto ou Espírito de Verdade, nos transmite a Filosofia, Ciência e Moral Cristica... (e, num à parte, deixem que opine que quando algum Centro Espírita intente retirar Jesus da Doutrina dos Espíritos, e de O referir dentro das suas paredes, ele, o Centro, deixou de ser espírita porquanto a base da Doutrina é Jesus – o Paracleto ou Espírito de Verdade!).

Então, quando nos apercebemos que somos Espíritos imortais, sabemos igualmente da necessidade de nos melhorarmos porquanto, da evolução moral vem a paz da consciência, completamente diferente daquela outra que vivêramos anteriormente; vemos, no nosso próximo, não o desconhecido mas um irmão, criado por Deus da mesma maneira que o fez connosco, simples e ignorante, para atingirmos um dia a perfeição de espíritos puros – porque, perfeição absoluta só mesmo a Sua!... Apercebemo-nos, no entanto, que o nosso próximo não é somente o que ombreia connosco mas os outros, próximos do próximo, numa cadeia sucessiva, que engloba toda a humanidade!

Percebemos o significado do *Tudo tem de ser pago até ao último ceutil*, face à **Lei de Causa e Efeito** que rege toda a humanidade: descobrimos o que somos, porque sofremos, donde viemos, para onde iremos... porque somos espíritos, vivendo temporariamente num corpo matéria que logo mais abandonaremos para voltarmos à Pátria de todos nós!

Debruçando-nos sobre os ensinamentos filosóficos da Doutrina, apercebemo-nos, então, da necessidade da Lei da Reencarnação, com que o Senhor nos dotou e brindou, única maneira de nos melhorarmos ao longo dos tempos... e se compararmos o comportamento do homem de Neandertal, ou o de Steinheim, com o Homo Sapiens de hoje, compreendemos o quanto a evolução moral terá acompanhado a evolução física dos seres que apenas sabiam agir - mas não porque o faziam, ou dando-lhe um sentido racional e fraterno – porque o racionalismo de então coadunava-se com o próprio sistema de vida selvagem que se possuía. Da evolução do Homem, conseqüentemente, veio a evolução do próprio Planeta.

No Passado de cada um, encontrar-se-à a adoração ao deus trovão, ao deus sol, e a muitos outros deuses – até se ter descoberto o DEUS PAI, incriado, mas **consciência suprema, Causa Primária de todas as coisas!**

E “descobrir” Deus é, ainda, uma dádiva que se recebe nos Centros Espíritos, onde nos dão a conhecer, não o Senhor castigador que todos temíamos, feito à nossa condição humana, mas o Pai de Amor e Misericórdia que nos criou, aguardando de nós, sem limite de prazo, que nos tornemos homens novos, porque, conforme afirma ainda Herculano Pires, e nós concordamos, *“só nos aproximaremos da Angelitude, o plano superior da espiritualidade, depois de nos haveremos tornado Homens”* - com H grande.

E Emmanuel, na mesma obra ‘CAMINHO, VERDADE E VIDA’, conclui o capítulo 113 ensinando:

“(...) se o Senhor já te levantou do pó terrestre para o conhecimento da vida infinita, recorda-te de que teus amigos, na maioria, têm notícias do Mestre; todavia, ainda não estão preparados a compreende-LO integralmente. Serás, como Lázaro, o ponto de observação directa para todos eles”.

Nos exemplos que vamos dando, quantas vezes silenciosamente, ensinamos o amor pelo próximo, quando canalizamos os nossos sentimentos para as pessoas e não mais para as coisas... enquanto damos um outro sentido à vida corpórea – porque, no contacto com os Espíritos que não estão mais na Terra – os desencarnados -, nas reuniões mediúnicas, apercebemo-nos melhor das consequências dos nossos erros, criação do nosso sofrimento, gerado por cada um de nós leviana e egoisticamente!

Mas, na sua parte moralizadora aprendemos, ainda, que a fraternidade pode sempre chamar-se de caridade quando seja necessário estender as nossas mãos, de coração aberto, para as outras que se encontram vazias... até de uma côdea de pão ou de um agasalho, e ali, no Centro Espírita, aprendemos não as obras de misericórdia mas a sermos misericordiosos, porque o Divino Amigo afirmou que *quando agasalhássemos... quando vestíssemos... quando dessedentássemos um irmão necessitado, era a Ele que o fazíamos!*

Olhando o comportamento, ensinamentos e exemplos do Divino Amigo, reconhecemos n'Ele o Modelo a seguir – e não nos preocupa qualquer espécie de dúvida quanto às capacidades de o podermos fazer porque, o aliciante da **reforma íntima** de que ali ouvimos falar, passa a ser uma constante que acompanha os nossos passos no dia a dia, incentivando-nos ao progresso espiritual.

Compreendemos que, melhorando-nos melhoramos toda a sociedade à nossa volta; com essa melhoria, somos 'lições ambulantes' para quem nos observe... e essas lições, ampliando-se para um espaço sempre maior, levadas pelo comportamento daqueles que já as seguem, transformam, pouco a pouco, uns e outros – a humanidade, numa sociedade coesa de harmonia, paz e fraternidade, de que o povo – todos os povos – beneficiarão, pensando e vibrando amor e não mais o ódio, a esperança e não mais o desespero, a luz e não mais as trevas!

Walter Barcelos, no capítulo 26 do seu livro 'MEDIUNIDADE E DISCERNIMENTO', referindo a Casa Espírita, afirma:

“... (o Centro) é uma empresa de fraternidade universal, onde os trabalhadores encarnados e desencarnados atuam de boa vontade, para servirem em nome da caridade ensinada por Jesus”.

E ainda uma vez mais, o nobre Espírito EMMANUEL, no livro “OPINIÃO ESPIRITA” psicografado, ainda, pelo médium espírita brasileiro (diríamos: cidadão do mundo), Francisco Cândido Xavier, manifestou-se a respeito:

Escola benemérita, o templo espírita é um lar de luz, aberto à instrução geral, para o entendimento das leis que regem os fenómenos da evolução e do destino.

Cada irmão de ideal, entre as paredes que lhe marcam o recinto, quando se pronuncia no grau de conhecimento que já conquistou, é comparável ao professor que fala da cátedra que lhe pertence para a edificação dos alunos.

E não se diga que um instituto terrestre de ensino usual, onde sejam pagas as explicações professadas em aula, seja mais importante. A matemática é instrumento inseparável da ciência para que se meça a propriedade das grandezas, mas sem a educação do carácter, é passível de transformar-se em delírio de cálculos para a destruição.

A linguística descerra a estrutura dos idiomas, no entanto, sem o espírito de fraternidade, o poliglota mais hábil pode não passar de um dicionário pensante.

A psicologia investiga as ocorrências da vida mental, a desdobrar-se nos meandros da análise psíquica; entretanto, sem o estudo da reencarnação, reduz-se a frio holofote que desvenda males e chagas sem oferecer-lhes consolo.

A História esclarece o Passado, todavia não guarda o objectivo de consertar a história presente de quantos lhe acolhem apontamentos e informações.

Um título académico atribui a honrosa competência cerebral; contudo, apesar de todos os roteiros da deontologia, não determina de modo positivo, em renovações de sentimento.

Amemos no Templo Espírita a escola das directrizes que nos orientam escolha e conduta.

Dentro dele, abramos a alma com sinceridade aos que nos escutam e ouçamos com respeito os que nos dirigem a palavra, permutando experiências que nos corrijam as preferências e as atitudes.

O Evangelho, que consubstancia as mais altas normas para a sublimação do espírito, acima de todas as técnicas que aformoseiam a inteligência, não nasceu nem de ritos, nem de imposições, nem de etiquetas e nem do culto externo.

A maior mensagem descida dos Céus à Terra, para distinguir a vida e iluminar o coração, surgiu das palavras inesquecíveis de Jesus, que procurava o povo, e do povo que procurava Jesus.

Num dia, hipotético, em que o Governo resolvesse imitar as autoridades de um Passado ainda tão presente e fechar os Centros Espíritas deste País, Portugal ficaria ainda mais pobre porque nas Casas simples, (umas mais simples que outras), quem as procure deixaria de ter o pão do

corpo mas, principalmente, o pão do espírito – aquele que, realmente, nos ajuda a todos nós, a tornarmo-nos sempre melhores, conhecedores que somos que, do nosso comportamento de Hoje viveremos a nossa felicidade num Amanhã espiritual e terreno, quando voltarmos a reencarnar!

Senhor,
Criaste-me do Nada!
Puseste-me na estrada
Para escolher o caminho...
E fui pedra na calçada,
E fui joio e rosmaninho,
Borboleta, rosa, espinho,
Beija-flor, violeta!
Fui escravo e fui poeta,
Lobo do mar, vagabundo...
Já percorri todo o mundo!
Quero agradecer-Te
Por tudo o que me deste
Em lágrimas, alegrias, sofrimento...
Todo o momento
Dos dias de dor,
Pelos quais para Ti acordei
E despertei
Para a Verdade e necessidade
De, em Teu nome, levar às gentes
Tuas generosas sementes de sabedoria!
Quero agradecer-Te cada dia
Em que nesta Casa, neste Centro,
Eu fui Teu instrumento
De auxílio e esperança...
Agradecer a confiança
Que em mim depositaste
Quando me chamaste:
Ganhei novos Irmãos,
E uns e outros dando as mãos
Com Amor-Fraternidade,
Nova Família formei
Que conheci e amei,
- A Família Humanidade!
Por Teu Amor esplendente
(Porque sou Ser e sou gente),
Pela música em que me embalas,
Pelo silêncio de Tuas falas,

Por ser aquilo que sou,
Hoje e sempre com Amor,
- MUITO OBRIGADA, SENHOR!

*

MANUELA VASCONCELOS